



RELAÇÕES HOMOERÓTICAS NO CONTO *ABA JUR* DE MIRIAM ALVES.

Mestranda Míriam Firmino da Silva Paiva(CAMEAM/UERN)

Orientador(a):Profª Dr. Maria Edileuza da Costa (CAMEAM/UERN)

“O desejo e o prazer femininos são insondáveis...” (Alves, 2011, p.30)

RESUMO: O presente escrito tem por objetivo dar notoriedade à escrita negra feminina, esta ainda, acanhadamente discutida no contexto literário, sobretudo os que tratam de assuntos voltados para as múltiplas possibilidades do exercício da sexualidade. Nesse cenário pouco explorado trazemos à toque o conto *Abajur* da escritora afrodescendente Míriam Alves, o mesmo compõe a obra *Mulher Mat(r)iz* (2011). Buscaremos dar notoriedade as fortes marcas homoeróticas e os desejos que movem as identidades sexuais dos personagens, pontuaremos também como o conto busca confrontar os padrões estéticos sexuais impostos pelo discurso heteronormativo da sociedade Para tanto buscaremos respaldo teórico nos escritos de Suely Carneiro “Enegrecer o Feminismo” (2003), José Carlos Barcellos “*Literatura e homoerotismo em questão*” (2006).

Palavras-chave: Escrita Negra, homoerotismo, heteronormatividade.

1. *Uma escrita consciente e conscienciosa.*

Dona de uma escrita marcante e engajada Míriam Alves, seja em seus poemas (*Momentos de Busca* – 1983/ *Estrelas no dedo* – 1985), ou em seus contos (*Mulheres escre-vendo/ Women righting* – 2005) mostra-se nitidamente sua consciência de escritora afrodescendente, consciente e conscienciosa militante da valorização dos afrodescendentes e principalmente da literatura negra brasileira tanto no Brasil como no exterior.

Em sua obra *Mulher mat(r)iz* (2011) suas “prosas”, fruto de uma produção de mais de vinte anos, são marcadas e pontuadas pela vontade de expressar a realidade vivencial do negro no Brasil em todas as situações. É nítido nos seus contos o discurso de afirmação de uma identidade feminina, a própria autora afirma: “os contos aqui agrupados, revelam o universo da mulher afro-brasileira em suas várias possibilidades vivencial-afetivas” (Alves, 2011, p.13), a escritora busca romper com muitos estereótipos estabelecidos na sociedade, o próprio título do livro já causa inquietações, pois, ao mesmo tempo centraliza o olhar na mulher, o faz mostrando as inúmeras



possibilidades do “ser mulher” sobre o título Moema Parente Augel comenta no prefácio da obra:

O feliz título desta coletânea já abre aos leitores e leitoras um leque de possíveis interpretações, ao mesmo tempo em que direciona o olhar para um ponto fixo: os contos tratam, de uma maneira ou de outra, da mulher, da matriz, fonte, origem, umbigo. Mas não só. Da mulher apresentada numa palheta variada e múltipla, em diferentes situações e circunstâncias, da mulher em seus muitos matizes, o que sutilha a ideia subjacente à imagem metafórica, apresentando um caminhar pelos vários lugares possíveis e os muitos espaços da mulher negra. (Augel, *apud* Alves, 2011, p.11).

A escrita de Míriam Alves traz características bem particulares, principalmente no tocante às personagens femininas negras. São marcas sutis que dosam as personagens de um empoderamento inquietante, são mulheres austeras, ocupam bons cargos, independentes socialmente e economicamente. Mostrando o engajamento abrangente da escritora, mais que uma defesa às mulheres afro-brasileiras, ela alcança questões que dizem respeito a toda a sociedade brasileira.

Dentro dessa necessidade de narrar “as experiências vivenciais e emocionais do negro no Brasil” (Alves, 2011,p.20), Míriam dá vazão aos seus pensamentos e choca o público leitor por confrontar as certezas enraizadas nas sociedades autoritárias pautadas no falocentrismo. Um dos temas de maior relevância nos contos que compõem a obra *Mulher mat(r)iz* são as relações desveladas de amor e paixão entre personagens femininas.

Dos onze contos que compõem a obra, daremos notoriedade ao primeiro conto da coletânea, titulado *Abajur*. No conto em questão buscaremos colocar em evidência personagens que se veem pelos seus próprios olhos, e se colocam como plano central de suas próprias vidas, pois como reflete Shulamith Firestone, as mulheres precisam “se ver culturalmente através dos seus próprios olhos” (*apud* Schneider, 2000,p.120).

2. Conhecendo “O Abajur”.

Abajur é o primeiro conto que compõem a obra *Mulher mat(r)iz* (2011). Neste, destacaremos as relações homoeróticas presente no enredo. Para tanto se faz necessário um breve resumo do enredo.



O narrador inicia o conto com uma lenta descrição quase em caráter onisciente, relatando sensações e pensamentos alheios de um personagem. Somente no quarto parágrafo descobriremos que houve uma discussão entre um casal. Na tentativa de fazer as pazes, uma das partes envolvidas volta ao apartamento, ao abrir a porta (com suas chaves) ela percebe não ter ninguém em casa, familiarizada com o ambiente acaba dormindo no sofá da sala. Em sono, não percebe chegar alguém, no caso a pessoa esperada para conversar, esta vem acompanhada de outra, institui-se então uma espécie de triângulo.

Acontece que a primeira personagem acorda ao ouvir vozes “gemidos abafados” (Alves, 2011, p.26) vindos do quarto, a personagem primeira acorda atordoada e até acha que os sons ouvidos são fruto de sua imaginação ou sonho, dirige-se a geladeira, toma um gole de água, somente aí percebe não está sozinha.

Apenas entre o décimo primeiro e décimo segundo parágrafos é que os nomes dos personagens aparecem, a personagem primeira encontra “Jorge ajoelhado por entre as pernas de Nadir” (Alves, 2011, p.28) ficando extasiada com a cena de gozo absoluto. Clotilde fica sem reação parada na entrada do quarto, até ser notada pelo casal. Desencadeia-se uma espécie de discussão entre Nadir e Clotilde, somente nesse momento torna-se possível entender que o casal em questão são as mulheres, Jorge é o terceiro sujeito, usado para traição.

Nadir e Clotilde possuem uma fina relação de amor, ambas choram decepcionadas, conversam entre elas deixando Jorge totalmente aquém da discussão, o casal (homossexual) entre lágrimas e frases explicativas, começam a se tocar “Jorge ainda deitado, assistindo a tudo como um espectador neutro” (Alves, 2011, p.29), porém, no final do conto, Nadir e Clotilde de mãos entrelaçadas, já sorridentes, convidam Jorge a participar com elas daquele momento de cumplicidade.

O conto se encerra com o retorno dos pensamentos de Clotilde, analisando o fim de semana e os acontecimentos surpreendentes (surpreendente até para os leitores), mesmo nas linhas finais a narradora consegue nos apanhar de surpresa com a notícia que Nadir e Jorge são professores Universitários de Clotilde.

3. *Homoerotismo a luz do Abajur.*



“Abajur foi o primeiro conto lésbico erótico escrito por Míriam Alves, em entrevista intitulada: “Empunhando bandeira diálogo de poeta” (2002) a escritora justifica o motivo que a levou escrever um conto homoerótico” poucos, que se atreviam a falar da sexualidade humana, ou melhor, a sexualidade entre negros... Eram tratados com invisibilidade, ou com uma assexualidade” (Alves,2002, p.156) para a autora a mulher negra era vista somente dentro da heteronormatividade, a literatura não mostrava a mulher negra como dona de seus desejos e opções sexuais, “era como se a mulher negra tivesse necessariamente que ser hetero” (Alves,2002,p.161).

Em Abajur Míriam Alves faz mais que narrar uma relação homoerótica, a autora busca questionar os poderes pré-estabelecidos e seus discursos heteronormativos. O conto é um forte discurso das minorias na tentativa de descentralizar o poder heteronormativo das relações.

Claro que o interesse dos grupos dominantes é o de manter suas posições privilegiadas e, assim, trabalham por assegurar a perpetuação das relações de poder estabelecidas. São, portanto, as minorias as maiores interessadas em questionar o poder estabelecido, e é delas que pode derivar a força que desorganiza as estruturas do poder centralizado. (Schneider, 2000, p.125)

Abajur traz em seu parágrafo inicial toda “profundidade” que um bom conto deve ter em seus elementos descritivos de ambientação, Míriam Alves consegue nos prender e “quebrar seus próprios limites com uma explosão de energia e significação que um bom conto deve ter” (Cortázar, 1974, p.153) elementos como uma simples gaivota surge coberto de significação “Detinha a atenção em uma gaivota fazendo acrobacias aéreas tão próximas da barca, que, para tocar-lhe as penas com a ponta dos dedos, parecia ser necessário só levantar os braços” (Alves, 2011, p.25) as gaivotas, segundo o Xamanismo¹ é uma ave que simboliza o desejo de liberdade, associada ao desejo de igualdade, características marcantes na escrita de Míriam Alves.

A própria ideia do Mar presente no início e fim do conto nos reporta ao pensamento de unificação dos povos, como se a autora intentasse do início ao fim da narrativa nivelar as classes, com um discurso forte, não silenciado.

¹ Consulta informal ao livro Elementos do Xamanismo (1986) Editora Rede de Poder. Rio de Janeiro.



Tomemos o momento que Clotilde encontra Jorge e Nadir no quarto “Na cama, o dorso nu de Jorge ajoelhado por entre as pernas de Nadir, que o entrelaçava pela cintura. Entregues totalmente àquele ato” (Alves, 2011, p. 28), pela descrição da cena podemos perceber Jorge numa condição de superioridade dentro da relação sexual, pensamento totalmente desmistificado, pois, no decorrer da narrativa encontramos Jorge numa condição passiva diante de Clotilde e Nadir “espectador neutro” (Alves, 2011, p.29) “Desconcertado”, “Confuso” (Alves, 2011p. 30) e ainda em situação humilhante “Clô então se virou contra ele. Xingando. Gritando. Chutando. Jorge levantou a mão contra Clô, mas, antes de atingi-la, sentiu um violento chute por trás, que o atingiu por entre as pernas” (p.29), com esse fragmento podemos perceber a decadência da sociedade falocêntrica tendo seu órgão máximo (falo-pênis) diminuído e ridicularizado.

Ao passo que descentraliza as relações heterossexuais o conto libera o desejo feminino e suas relações, Clotilde tinha uma relação mais que sexual com Nadir, ela tinha as chaves do apartamento, em sinal de intimidade e cumplicidade “Desde quando recebeu as chaves do apartamento, sentia-se segura. As chaves foram prova do amor. Entrava e saía a qualquer hora. Sim, as chaves do apartamento significavam mais que casamento. As chaves eram um pacto” (Alves, 2011, p.27), a *lingerie* usada por Clotilde “nova bege de lycra” (Alves, 2011, p.27) também reforça a ideia de intimidade, pois, é de conhecimento comum entre as mulheres atribuir a cor bege um alto grau de intimidade, tendo em vista que essa cor não inspira sedução como o vermelho ou preto, o que mostra uma relação sólida que não se prende mais a rituais de sedução, a solidez da relação também fica evidente no seguinte ponto “Substituí a velha cortina de bambu e miçanga (dividia a sala para e o quarto). Substituí depois de pedir permissão, *não fazia nada e não mudava nada de lugar sem obter permissão*”² (Alves, 2011, p.27).

A relação de Clotilde e Nadir busca revelar ao leitor as múltiplas formas de se perceber a sexualidade, mostrando que as relações podem e devem exceder os limites da cama, das relações de desejo, e compor sólidas e significativas teias de cumplicidade e solidariedade, essa cumplicidade é exposta na seguinte passagem. “Nana e Clô choravam. Foram sentar-se na cama. Não sabiam mais o que fazer. Choravam. [...] As emoções aniquilaram qualquer agressividade. Nana pegou a mão de Clô e docilmente

² Grifos meus.



acariciou os dedos, um a um. [...] Nana beijava os dedos de Clô. [...]. Os olhos de Clô iluminaram-se.” (Alves, 2011, p.29).

Textos como *Abajur* revelam novas formas de pensar as relações e a desconstruir conceitos arraigados na sociedade:

Textos desse tipo, através do questionamento da organização social com base sexual, podem auxiliar na desconstrução de conceitos relacionados a gênero que foram impostos e que se reproduzem dentro da sociedade ocidental. Ao mesmo tempo, o(a) leitor(a) tem a oportunidade de entrar em contato com uma concepção diferente e alternativa de sociedade. (Schneider.2000,p.135)

O conto mesmo propondo uma escrita livre de preconceitos, mostra-se consciente do quão difícil é manter uma relação homossexual, homoerótica na sociedade tradicionalista, racional, falocêntrica. A relação de Clotilde e Nadir mesmo intensa era comedida “Foram anos tão discretos” (Alves, 2011, p.30) e para manter a cumplicidade da relação, firmaram um pacto sexual com Jorge o convidando à ter com elas, em comum acordo, na cama berço do amor das duas. “Percebeu que as duas, de *mãos dadas*³, sorriso nos lábios, encaminhavam-se em sua direção.” (Alves, 2011, p.30).

Somente no último parágrafo podemos entender o motivo do casal querer manter sua história longe dos holofotes do julgamento social e moral da sociedade. Contrastando com os pensamentos do fim de semana confuso que teve, Clô (com sua “pele de ébano”⁴) pensa em Clotilde (com sua “pele negro acobreado forte”⁵), e em Jorge (com sua pele “âmbar amainado”⁶) e logo se depara à direita, à “destra” – como sinônimo de dignidade e imposição de respeito⁷ “À direita, a Universidade de Niterói, imponente, aguardando por ela segunda- feira”.(Alves, 2011, p.31) a imagem forte da universidade surge no texto para reforçar a ideia de aparelho ideológico, formador de ideologias, mas também aparece como re-formulador desses poderes discursivos impostos à sociedade, aqui vale ressaltar que Clotilde era aluna da universidade, e teria que retornar para “acabar a tese de literatura Angolana e Negritude ainda naquele ano”.

³ Grifos meus.

⁴,5,6 (Alves, 2011, p. 29-31)

⁷ Comentário Bíblia Thompson, 1997, p. 765.



(Alves,2011, p.31), uma tema voltado para o estudo das minorias, como em uma tentativa de expandir seu desejo por mudanças, deixando claro que o papel das mulheres, sejam brancas ou negras não é mais no discurso de opressão.

Clotilde encontraria Jorge e Nadir na Universidade, e isso ocorreria pelo fato de ambos serem seus professores “Amanhã à noite, verei Jorge e Nadir na faculdade. Sorriu...” Meus professores?!”, suspirou”. (Alves,2011, p.31). Talvez, por isso, a relação de Clotilde e Nadir fosse tão “discreta”, como sabemos muitas instituições, principalmente se estas forem tradicionais, não permitem relações entre professores e alunos. Quem sabe fosse para este fim, ofuscar o que não pode ser mostrado claramente que “a luz do abajur” (Alves, 2011, p.31) ou o “panô” (Alves, 2011, p.26) servisse realmente para regular a intensidade das relações que subsistem aos dogmas das sociedades.

Ao analisar o fim de semana “Que fim de semana!” (Alves, 2011, p.31), Clotilde, tenta “sorver um gole de cerveja” (Alves, 2011, p.31), quem sabe uma tentativa de “etilar” os acontecimentos; nesse momento um sentimento de indiferença parece dominar os pensamentos e atitudes de Clotilde, pois no início do conto ela observa os “detritos domésticos que se misturavam ao salgado das ondas.” (Alves, 2011, p.25), pelo modo como é narrado o fragmento, quebrando a bela descrição do espaço e pensamentos da personagem, subentende-se que ela não se sentia confortável com aquele “vai-vem de vazios” (Alves , 2011, p.25) e ao final do conto ela corrobora com esses detritos, pois ela “jogou a lata de cerveja ainda cheia nas águas do mar” (Alves, 2011, p.31) como se também, agora lançasse ao mar seus detritos, na tentativa, (quem sabe?) de se integrar ou desintegrar àquelas tantas coisas que às vezes são lançadas ao cenário, compondo, mesmo que em desalinho algum espaço.

A narrativa se fecha com a alusão a um pensamento filosófico, “Há mais segredo boiando na baía de Guanabara!” (Alves, 2011, p.31), a leitura desse fragmento imediatamente nos reporta ao famoso trecho da peça de Hamlet “Há mais coisas entre os céus e a terra do que supõe vossa vã filosofia.”⁸ nos possibilitando a leitura que sempre haverá mais segredos nas relações que possamos um dia imaginar.

⁸ William Shakespeare. A frase é dita pelo personagem título da peça à Horácio, seu colega.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto aqui analisado sublinha o universo da mulher afro-brasileira em suas inúmeras faces, buscando revelar que as vivências-afetivas são vastas, como nos diz o conto “ O desejo e o prazer femininos são insondáveis...” (p.30). Míriam Alves nos coloca diante de um texto “livre de preconceitos impostos pela tradição cultural racional e falocêntrica”. (Schneider. 2000, p. 135). A narrativa nos proporciona o pensamento de que por mais marginalizado e inferiorizado que seja determinada minoria, ela pode emergir, ganhar força, respeito e notoriedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Miriam. *Brasil Afro Autorrevelado – literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, Miriam. “Empunhando bandeira diálogo de poeta”. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Orgs.). *A escrita de até: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.
- Alves, Míriam. *Mulher Mat(r)ir*, Ed. Nandyala. 2011.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico metodológicas e práticas críticas*. São Paulo: Scortecci, 2002.
- CARNEIRO, Suely. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58
- CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: *Valise de Cronópio*. São Paulo : Perspectiva, 1974.
- SCHNAIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michael & Neis, Ignácio Antonio. *As armas do texto, a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 119-1139.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

